

## PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE LESBOFOBIA: NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO POR MULHERES LÉSBICAS

**Maria Conceição Martins Santana**

*Graduanda do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, cecinha044@hotmail.com;*

**Benedito Medrado Dantas**

*Professor orientador: Doutor em Psicologia Social, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, beneditomedrado@gmail.com.*

### Resumo

Esse trabalho versa sobre experiência de pesquisa, em iniciação científica, que tem por objetivo analisar narrativas sobre violência lesbofóbica e estratégias de enfrentamento por mulheres lésbicas que denunciam ter sofrido alguma forma de violência e/ou discriminação em função de sua orientação sexual, na cidade de Recife. Compreendemos aqui a lesbofobia como um grave problema de ordem psicossocial, que se configura a partir da invisibilidade das experiências e da escassez de informações e pesquisas. Assim, nossa pesquisa se orientou tanto pela produção de uma revisão sistemática da literatura, como também a partir de diálogos com mulheres lésbicas. A partir de uma abordagem qualitativa, embasada em princípios e orientações socioconstrucionistas em psicologia social, desenvolvemos um exercício de análise, tendo por base entrevistas, em profundidade, realizadas com duas mulheres autointituladas como lésbicas, que informaram ter sido vítimas de violência em função da sua orientação sexual e que além disso realizaram denúncia formal da violência sofrida. As análises realizadas possibilitaram tanto a aprendizagem sobre ferramentas e procedimentos de análise qualitativa como também reflexões importantes,

evidenciando a complexidade a partir da qual a lesbofobia se configura nas narrativas dessas mulheres e o quão difícil é denunciar e analisar uma forma de violência que nem sempre é visível. Em linhas gerais, nossas análises apontam para uma complexa teia de sentidos que se organizam a partir de repertórios discursivos que alinham, de modo indissociável, relatos de múltiplas formas de violência. Assim, tal conformação parece acentuar a dificuldade do enfrentamento à lesbofobia.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Direitos, Lesbofobia.

## Introdução

Essa pesquisa<sup>1</sup> integra um projeto mais amplo que tem como temática a atenção psicossocial voltada a pessoas que foram vítimas de violência em função da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Todavia, nessa pesquisa abordamos especificamente o fenômeno do preconceito e discriminação (interpessoal, cultural e institucional) contra mulheres que mantém relações afetivas e/ou sexuais com outras mulheres (lesbofobia). A relevância de uma pesquisa com essa temática se dá, entre outras coisas, devido à invisibilidade dessa forma de preconceito e discriminação, que vêm acompanhados de uma escassez de dados sobre a manifestação desse fenômeno.

A ausência de dados citada é apresentada no “Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil (de 2014 a 2017)”, que foi construído por um grupo de pesquisas intitulado “Lesbocídio – as histórias que ninguém conta” da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A própria criação do dossiê se deu pela necessidade de registro dos casos de violência contra mulheres lésbicas, o que dificilmente é notificado. A partir disso, o grupo de pesquisa citado reuniu dados sobre o lesbocídio no intuito de registrar a história dessas mulheres, e apresentar essas violências sofridas às instituições competentes, sinalizando a necessidade da criação de políticas públicas que acolham essas vítimas.

Segundo este Dossiê, o maior número de homicídios está concentrado nos últimos anos, especificamente entre 2014 e 2017, quando foram registradas 126 mortes de lésbicas no Brasil, embora haja registros desde 2000 e 2017, totalizando 180 homicídios. Ainda segundo esse material, a segunda região brasileira que mais matou lésbicas foi a região Nordeste e o estado de Pernambuco foi um dos estados com maior número de assassinatos (PERES; SOARES; DIAS, 2018).

Apesar de o lesbocídio ser a forma mais grave de manifestação da violência contra mulheres lésbicas, existem muitos outros tipos, que se apresentam tanto de forma específica, como as agressões físicas e/

---

1 A pesquisa apresentada aqui é fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com financiamento da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)

ou verbais mais diretas, quanto de forma mais ampla, como a violência institucional ou simbólico-cultural (DAVIDSON, 2020).

Portanto, esse é um problema de grande complexidade e que tem se conformado ao longo da história a partir de uma diversidade de práticas discursivas e não discursivas e assumido nuances particulares, em virtude do momento histórico.

Como bem destaca Martina Davidson (2020), os lesbocídios integram tecnologias de necropolítica, operadas pela ação do Estado, inclusive na história recente do Brasil, como “parte de um exercício de soberania no cerne do cenário que carrega Jair Bolsonaro como símbolo - que dita quem pode morrer e quem pode viver”.

A partir disso, é possível notar a necessidade de produções que envolvam essa temática, pois os fatores que envolvem o fenômeno da lesbofobia são diversos, e, apesar disso, ainda lidamos com uma ausência de dados sobre o assunto.

Como objetivo buscamos, nessa pesquisa, analisar narrativas sobre violência e produções discursivas sobre estratégias de enfrentamento a lesbofobia por mulheres lésbicas que relatam ter sofrido alguma forma de violência e discriminação, em função de sua orientação sexual, na cidade de Recife.

Para isso, foram utilizadas informações que compõem o banco de dados da pesquisa mais ampla. Dessa forma, levando em consideração o escopo da pesquisa mais ampla (que trabalhou com diferentes populações e interlocutores/as) e a temática abordada por este projeto específico, o foco foi dado às entrevistas realizadas com mulheres lésbicas que realizaram uma denúncia formal de violência sofrida em função da sua orientação sexual, na cidade de Recife.

As entrevistas contaram com duas interlocutoras: Nanda e Gadú, ambas identificadas aqui a partir de nomes fictícios, devido a questões éticas. No que se refere à etapa de análise das narrativas, pudemos notar, a partir dos relatos construídos nas entrevistas de Nanda e Gadú, que as experiências de violência vivenciadas por mulheres lésbicas se configuram de forma particular, mas também possuem pontos em comum. As narrativas de Nanda e Gadú apresentam eixos comuns quando estas relatam o incomodo intenso verbalizado por seus respectivos agressores diante do que eles consideraram um “jeito masculinizado” na vítima, quando declaram a busca por uma delegacia para realizar a denúncia como forma de enfrentamento à

violência sofrida, e a negligência das autoridades atuantes nas delegacias, diante do crime que ambas relataram terem sido vítimas.

Todavia, como já citado, as experiências das duas mulheres também possuem dimensões singulares, que se estabelecem desde a proximidade, em termos de convivência, que os agressores possuíam com as vítimas (sendo, no caso de Gadú, a sua vizinha e companheiros, e no de Nanda um total desconhecido), até o desfecho da situação, onde Gadú, diante dos descasos das autoridades resolveu buscar por conta própria algum serviço que lhe oferecesse apoio, e Nanda optou por não dar prosseguimento ao processo de busca de ajuda.

Desse modo, as duas entrevistas apresentam aspectos relevantes para compreendermos a teia de complexidade que envolve o fenômeno da lesbofobia, incluindo a sua manifestação e as estratégias que as vítimas utilizam como forma de enfrentá-lo.

A partir disso, concluímos que a aproximação e o contato com o material proveniente do banco de dados da pesquisa mais ampla possibilitaram reflexões importantes e bastante potentes para o desenvolvimento desse projeto. O fenômeno sobre o qual trabalhamos aqui caracteriza-se como multifacetado, constituído a partir de uma complexa teia de sentidos que alinha múltiplas formas de violência.

## Metodologia

A partir de uma abordagem qualitativa, o material discursivo submetido às diversas etapas de análise foi compreendido, nessa pesquisa, como substrato de uma rede simbólica complexa que favorece a negociação (nem sempre consensual) de versões sobre a realidade, envolvendo produções discursivas que constroem efeitos performativos de verdade (FOUCAULT, 1979).

Foram analisadas narrativas oriundas de entrevistas realizadas com mulheres lésbicas, que fizeram denúncia formal de violência e discriminação em razão de sua orientação sexual, na cidade de Recife. As entrevistas em questão foram duas, e encontram-se armazenadas no banco de dados da pesquisa mais ampla da linha de Diversidades, desenvolvida no Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA-UFPE). Inicialmente, houve o acesso a esse banco de dados, que se encontra disponível em uma ferramenta de armazenamento de dados na nuvem, intitulada Google Drive. Destacamos que devido a questões éticas e ao nosso

comprometimento com todos os processos que envolvem a pesquisa, o acesso a esse banco de dados é restrito aos integrantes do GEMA.

A partir disso, as entrevistas foram ouvidas algumas vezes com o intuito de que impressões diversas pudessem surgir diante do contato inicial com esses materiais, visto que apenas um acesso a este não seria suficiente para produzir uma análise que desse conta dos diversos elementos que constituem uma produção narrativa. Após essa etapa, foi estabelecido um contato, de forma mais aprofundada, com leituras que discutiam sobre práticas discursivas e produção de sentidos, bem como construcionismo social, para que posteriormente, novos contatos pudessem ser estabelecidos com as narrativas presentes nas entrevistas. O nosso intuito, com isso, foi que esses contatos pós leituras fossem orientados por uma fundamentação teórica consistente que pudesse embasar as nossas análises.

No que se refere ao processo de análise das duas entrevistas, este foi realizado tendo como fundamentação teórica os estudos em Psicologia Social sobre construcionismo social. Nesse sentido, as nossas análises foram realizadas a partir de instrumentos utilizados para a análise de práticas discursivas (SPINK; MEDRADO, 2013). Durante todo esse processo, estivemos atentos aos jogos de linguagem, de estética retórica, orientados pelo poder, ou seja, em “jogos de verdade”, que situam, caracterizam e inscrevem sujeitos, instituições e práticas, afirmando possibilidades e, concomitantemente, regulando e constringendo outras.

## Referencial teórico

Essa pesquisa fundamentou-se a partir dos estudos em Psicologia Social, especialmente sobre construcionismo social, sendo este um movimento que ressalta a especificidade histórica e cultural das formas de conhecermos o mundo. Além disso, busca também destacar “a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento, a interligação entre conhecimento e ação e a valorização de uma postura crítica e reflexiva” (RASERA; JAPUR, 2005, p. 21).

Nesse sentido, cabe destacarmos que o construcionismo social não é um movimento homogêneo, todavia, segundo Emerson Fernando Rasera e Marisa Japur (2005), existem algumas questões centrais que contribuem para o desenvolvimento de uma perspectiva construcionista. Entre elas, estão a ideia de que as descrições do mundo não

correspondem de forma pré-estabelecida com uma realidade situada para além das formas de dizê-la, pelo contrário. São, essas próprias descrições, formas de construção dessa realidade.

A linguagem tem, então, um papel bastante central nesse processo, pois ela não é concebida aqui como um elemento passivo de expressão e transmissão de informações, ou como descritora de uma realidade ou mundo independentes, mas como algo que constrói essa realidade a todo momento. E essa construção depende das condições sócio-históricas dos sistemas de significação que utilizamos.

Dessa forma, a adoção da perspectiva construcionista nesse projeto se deu devido à forma como compreendemos a produção de conhecimento científico. Esta, para nós, não é uma prática que tem como objetivo alcançar verdades pré-existentes e inquestionáveis, e sim um esforço localizado histórica e socialmente, no intuito de construir uma ciência que busque combater formas de opressão (SPINK; FREZZA, 2013).

Além do que já foi discutido, cabe destacarmos que nesse projeto, principalmente no que se refere às análises, adotamos uma perspectiva psicossocial de orientação (pós)construcionista. Nesse sentido, as análises foram realizadas a partir de ferramentas empregadas para a análise de práticas discursivas, para que pudéssemos compreender o processo de produção de sentidos construído a partir destas (SPINK; MEDRADO, 2013).

Cabe destacarmos aqui, portanto, que segundo Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2013), a produção de sentido é concebida como um fenômeno sociolinguístico e busca compreender “tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas, por exemplo), como os repertórios utilizados nessas produções discursivas” (p. 23). Além disso, pontuamos que a produção de sentido é uma abordagem teórico-metodológica que está embasada no referencial do construcionismo social, aliando-se à psicólogos sociais que trabalham, de variadas formas, com práticas discursivas.

Dessa forma, com a adoção da perspectiva supracitada, nesse projeto de pesquisa, buscamos abdicar da epistemologia tradicional amplamente presente no âmbito científico, que difere o interno-subjetivo-mente do externo-objetivo-mundo e enxerga a ciência como uma forma de acessar uma realidade pré-existente. Aqui, buscamos compreender os sentidos que se constroem a partir das práticas

discursivas, dos jogos de poder e das negociações que marcam as interrelações.

## Resultados e discussão

### Violência(s) lesbofóbica(s)

Como já citado, os materiais utilizados aqui vieram do banco de dados da pesquisa mais ampla à qual essa pesquisa encontra-se vinculada. Foram analisadas duas entrevistas em profundidade, e nelas, tivemos contato com as narrativas das interlocutoras que serão identificadas aqui a partir dos nomes fictícios “Nanda” e “Gadú”.

Gadú tem 25 anos, é universitária, e se auto identificou como branca. Ela é evangélica, contudo, enfatizou que atualmente participa de eventos e atividades relacionadas à religião com pouca frequência, sendo uma das causas dessa baixa frequência o preconceito do seu grupo religioso em relação à sua orientação sexual. Já a outra interlocutora, Nanda, tem 19 anos, se identifica como parda, também é universitária e além disso é espírita. Ambas afirmaram, em suas entrevistas, terem sido vítimas de violência em função da sua orientação sexual, e terem denunciado as agressões cometidas contra elas.

No caso de Gadú, a violência sofrida foi realizada por sua vizinha e companheiros. Esta, segundo a entrevistada, desde que soube que a mesma era uma mulher lésbica começou a implicar batendo o portão, fazendo barulho e inventando calúnias sobre Gadú para o dono

da casa onde esta morava. Em determinado dia, de repente a sua vizinha começou a agredi-la com palavras, e quando Gadú foi atrás da mesma para entender o que estava acontecendo, haviam 5 pessoas a esperando, que quando a viram começaram a agredi-la fisicamente e verbalmente, através de palavras que pareciam expressar um incômodo com o jeito masculinizado da vítima.

Esse fenômeno não é incomum, visto que mulheres lésbicas que apresentam uma performance masculinizada costumam ser alvos frequentes de violência. Hélio Arthur Reis Irigaray e Maria Ester de Freiras (2011) apresentam essa discussão em seu artigo quando dialogam sobre as violências sofridas por mulheres lésbicas no contexto organizacional. Segundo os autores, essas mulheres afirmam sofrer discriminação em seu ambiente de trabalho, principalmente quando



possuem uma performance mais masculinizada, o que acaba se tornando mais um motivo para se tornarem alvo de preconceito.

Já no caso de Nanda, a violência que esta sofreu foi cometida no meio da rua, por um completo desconhecido. Segundo a entrevistada o seu agressor era um homem de meia idade que a abordou na rua gritando, chamando-a de “mulher macho” e exigindo que ela virasse “mocinha” pois naquele local moravam apenas mulheres “de família”. Nanda reagiu perguntando o que ele tinha a ver com isso e saiu. Após isso, o agressor se abaixou, pegou uma pedra no chão e a jogou na direção de Nanda, que estava com bastante sacolas nas mãos e mesmo assim se jogou para frente para não ser atingida. Nesse meio tempo o agressor se aproximou dela e começou a soca-la e chuta-la, até que um porteiro de um prédio próximo gritou “ei”, o que fez o agressor se assustar e ir embora. Apesar disso, nenhuma assistência foi prestada a Nanda, que afirma que só após 3 minutos conseguiu se recompor e ir embora do local se arrastando, já que era difícil andar normalmente.

A narrativa de Nanda nos apresenta, assim como a de Gadú, um incômodo do agressor com o que ele considerou “jeito de macho” na vítima. Para pessoas com essa mentalidade, mulheres devem agir e pensar de acordo com uma norma essencialista de gênero, que prega ideais padronizados e universais de feminilidade.

Além disso, é importante destacar que para além da violência física e verbal cometidas pelo primeiro agressor daquela situação, a omissão do porteiro e de qualquer outra pessoa que possa ter presenciado o ocorrido (mesmo que a vítima não tenha citado mais ninguém diretamente) também são formas de violência, pois em um contexto onde alguém possui uma posição privilegiada e negligencia as necessidades de um outro que se encontra em um estado de sofrimento, essa negligência também se configura como violência.

Nesse sentido, ao analisarmos todo o contexto, podemos notar que existe uma intersecção entre as diversas formas de agressão sofridas tanto por Gadú quanto Nanda, entre elas a verbal, a física, e até a violência manifestada na forma de omissão por parte do porteiro, no caso de Nanda. Nessa lógica, destacamos que “tanto na pesquisa como na prática, as linhas divisórias dos diferentes tipos de violência nem sempre são claras”. (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1167).

## Estratégias de enfrentamento à lesbofobia

Inicialmente, é importante descartarmos que pessoas que em algum momento de suas vidas foram vítimas de violência ou situações estressantes muitas vezes buscam criar táticas e estratégias de enfrentamento com a finalidade de sobreviver ou superar os episódios às quais foram submetidas (BENETTI ET AL. 2015 apud SOUZA; SILVA, 2019).

Nesse sentido, como reação ao crime que sofreu, Gadú buscou a delegacia para realizar a denúncia. A mesma relata que também sofreu preconceito no local, visto que o delegado não deu importância ao que ela tinha sofrido. A partir disso, Gadú relata que buscou a internet em busca de algum “ponto” que poderia apoiá-la e lhe dar forças, foi onde ela achou um serviço, na cidade de Recife, que buscava dar suporte a pessoas que se encontravam na mesma condição de vulnerabilidade que ela.

Nanda também buscou a delegacia dias após ter sofrido a violência e se deparou com uma situação parecida com a de Gadú: a negligência dos profissionais que trabalhavam no local. Nanda relata que ao chegar na delegacia fizeram a anotação do seu relato mas afirmaram que não iria “dar em nada” pois o profissional responsável pela realização do corpo de delito não se encontrava no momento. Após cerca de 10 dias Nanda relata que voltou à delegacia para dar seguimento à denúncia porém o mesmo profissional novamente não se encontrava lá. Segundo Nanda, o máximo que realizaram foi um boletim de ocorrência.

Quando questionada do porque decidiu procurar a polícia, Nanda afirma que o fez por assemelhar a polícia à justiça. Segundo ela, se algo de errado acontece na sociedade, é dever da polícia saber e agir em relação a isso. Todavia, diante da frustração que caracterizou a sua busca pela delegacia, Nanda, ao contrário de Gadú, não deu prosseguimento à sua busca por ajuda, o que evidencia dimensões particulares das experiências de ambas que, por serem pessoas diferentes, reagiram de formas diferentes às situações (BENETTI ET AL. 2015 apud SOUZA; SILVA, 2019).

Ambas buscaram por acolhimento e justiça, mas encontraram percalços nessa busca. Tiveram o seu sofrimento negligenciado por profissionais que tem como dever proteger a integridade física e psicológica do cidadãos, mas que no caso de Nanda e Gadú, foram mais

um agente potencializador da invisibilidade das vivências e violências que mulheres lésbicas sofrem cotidianamente. Apesar disso, ambas as interlocuras foram, à sua maneira, símbolos de resistência e busca por justiça.

## Considerações finais

A partir do que foi discutido nesse trabalho, destacamos o caráter complexo e multifacetado da lesbofobia, que se manifesta de diferentes formas e em diferentes contextos. Os materiais que buscam discutir sobre o tema ainda são escassos, e os que tivemos contato também versam sobre a invisibilidade à qual mulheres lésbicas estão submetidas. A discussão é ampla e destacamos que as nossas análises não se limitam ao que foi apresentado aqui, pois seguimos pesquisando sobre o tema e a todo momento novos elementos surgem. A lesbofobia tem se configurado de forma complexa, a partir de práticas discursivas e não discursivas, e é um fenômeno que possui diversas facetas a serem investigadas.

Além disso, não podemos deixar de citar que as estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres lésbicas que são vítimas de violência com base em sua orientação sexual possuem sim alguns eixos comuns, mas para além disso, possuem nuances bastante particulares.

Diante disso, pesquisas com essa temática são extremamente necessárias para que possamos compreender as facetas que compõem a lesbofobia e as estratégias de enfrentamento a ela, e além disso, para que possamos utilizar esses conhecimentos produzidos em prol da transformação social, seja através da criação de políticas públicas ou do fortalecimento do ativismo lésbico.

## Referências

DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.11 , p. 1163 – 1178, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141381232006000500007&script=sci\\_arttex](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141381232006000500007&script=sci_arttex)

DAVIDSON, Martina. Necropolítica Lesbocida: uma análise sobre o necrobiopoder, soberania e violências contra lésbicas no contexto

bolsonarista. *Ítaca*, 0(34), 205 – 224, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/30469/18116>

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; FREITAS, Maria Ester de. Sexualidade e Organizações: estudo sobre lésbicas no ambiente de trabalho. *Organizações e Sociedade*, Salvador, v.18, n.59, p. 625-641, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302011000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302011000400004)

RASERA, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, pág. 21-29, abril de 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000100005&lng=en&nrm=iso)>.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe. DIAS, Maria Clara. Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Dossie-sobre-lesbocidio-no-Brasil.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Dossie-sobre-lesbocidio-no-Brasil.pdf)

SOUZA, Marjane Bernardy; SILVA, Maria Fernanda Silva da. Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 23, n. 1, p. 153-166, jun. 2019 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso)>.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: *Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: A perspectiva da psicologia social. In: *Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.